

Diocese de Angra

Temas de estudo para a caminhada sinodal nos Açores

Cultura contemporânea

Situação social e económica

Identidade religiosa e eclesial

Ano pastoral 2019/2020

Equipa redatorial: Doutora Rute Gregório (UAç), Doutor Fernando Diogo (UAç),
Dr. Filipe Machado (UAç), Dr. José Constância (ICC), Doutor Hélder Fonseca (SEA)

CULTURA CONTEMPORÂNEA:

Interrogações de um(a) leigo(a)

A palavra “cultura” é polissémica e pode ser entendida a partir de vários enfoques. Por conseguinte, qualquer abordagem ao conceito, breve ou longa, contemporânea ou histórica, carrega sempre vazios e elementos de incompletude. Acresce que a presente reflexão, e as palavras que aqui lhe dão forma, são as de um(a) não especialista nestes debates, bem como registadas com a humildade e a perplexidade de alguém que se surpreendeu com a confiança manifestada e que ousa partilhar algumas linhas do seu pensamento.

As tendências culturais do que se tem vindo a chamar Pós-Modernidade são essencialmente críticas, desconstrutivas, múltiplas, ambíguas, contraditórias, fragmentárias e descrentes. A chamada **Cultura Pós-Moderna** em que vivemos – conceito que não é unívoco, nem inquestionável –, entre outros, fragmenta o sujeito, oferece-lhe múltiplas vias e, na sua vertente artística, parece até ter rompido com o Homem e com a realidade. Por outro lado, cruza, assenta e exponencia concepções que não são necessariamente do hoje mais imediato, como a globalização (assimétrica?), o racionalismo e a cultura científica, a virtualização / tecnicização / digitalidade, o individual, a mudança, o ruído, o mediato, o consumo, o absoluto (da liberdade, mas também do relativo e do vazio), a complexidade, o secular / temporal, os anti-valores..., tudo convivendo em múltiplas formas e nuances, demasiadas vezes nos expoentes mais extremos e negativos, mas também nos seus contrários. Neste sentido, não se tratam estas, em si mesmas, nem de concepções “boas”, nem de concepções “más”. Correspondem, tal como muitas outras, a desejos humanos / imperfeitos de construção de um novo mundo e, por isso, talvez sejam, na sua essência, potenciadoras dúplices, tanto do “bem” como do “mal”.

E toda esta paleta da cultura contemporânea, num contexto disruptivo de digitalidade (que traz também novas formas de poder e alienação e vai muito além do tecnológico ou do virtual), de fragmentação e de descentramento de referências pode, por vezes e quiçá tendencialmente, apenas oferecer alternativas na forma da alienação dos sujeitos ou, então, na forma da radicalização de crenças, mistificações e concepções de toda a sorte. Paradoxalmente, ou nem por isso, numa Cultura Pós-Moderna, alicerçada na descrença das ideologias e dos valores absolutos do século XX – e dos séculos que o fundamentaram – poderão também estar de regresso os extremismos mais violentos das crenças e dos valores.

E isto atinge, de formas e tempos distintos, todos os Seres. O que a globalização e as facilidades de comunicação hodiernas trazem, no quadro de inquestionáveis virtudes e para o bem e para o mal, é que tudo respeita a todos. Por isso, quando se fala dos desafios da cultura contemporânea, mesmo que enfocados no arquipélago dos Açores, não é hoje

possível o alheamento relativo ao Mundo inteiro, humano e natural (para usarmos uma dicotomia que também é muito questionável). Sim, é certo, há especificidades. Em todo este contexto, os homens e o Mundo não perderam (nem quererão perder) o seu caráter múltiplice. E os Açores têm arreigados profundos e identitários valores cristãos que, não deixando de apresentar questionamentos de ontem, hoje tomaram novas formas e exigem diferentes respostas, tanto aqui como em outros lados do Mundo. **Sim, há sinais de alerta. Quais são eles, verdadeiramente? Sim, há desafios novos a requererem outras leituras e outras ações. Quais são elas, verdadeiramente? E porque teremos chegado, também verdadeiramente, a esta encruzilhada? (1)**

Por outro lado, será justo que perante as expressões desta Cultura Pós-Moderna (por exemplo, uma obra de arte abstrata em que o homem e a realidade parecem ausentes), as entendamos somente como a representação do nada, do vazio e da alienação? Podendo sê-lo, não estaremos, antes, perante tentativas de representação da essência, do conteúdo, do imaterial despido dos corpos que lhe conhecemos tradicionalmente? E não é o Cristianismo, em paralelo e mais que tudo, a vitória da alma sobre o corpo, da vida sobre a morte e do simbólico sobre o material? Quantos preconceitos nos atingem, a nós Cristãos, igualmente, quando olhamos esta nova cultura e dela nos alheamos, mesmo que em parte, como se com ela nada tivéssemos que ver? Como contribuímos para a modelar? Quantas vezes usamos significantes de conteúdo ininteligível, ou sem verdadeiro impacto no Mundo e no alívio dos males? (2)

O Cristianismo, e a Igreja Católica em particular, em muitos momentos-chave da história dos homens (tanto eivados por climas de tensão / violência como de diálogo / paz), assumiu sempre posições transformadoras e criadoras de cultura. Hoje, mais do que nunca, num momento de regeneração e génese, e na voracidade de tempo e espaço, é preciso apelar a esta função de mais de dois milénios. **Mas como? Como afirmar e reforçar os valores cristãos num contexto tão plural? Como, dentro de nós, separar o essencial do acessório, para deixar de haver tanto ruído? Como modelar e atualizar o discurso, a narrativa, a comunicação e, principalmente, a nossa ação, da Luz, do Amor e do Bem imanentes de Cristo (ou do nosso Deus “tri-uno”)? (Como sermos verdadeiras testemunhas, despojadas de formalismos e mais focadas no efetivo cumprimento da Palavra? (3)**

Nota: As perguntas equacionadas estão agrupadas em três blocos (indicadas a negrito). Podem ser respondidas cada uma por si, ou agrupadas em três grandes questões.

SITUAÇÃO SOCIAL E ECONÓMICA DOS AÇORES (2001 – 2018)

1 – Evolução do PIB *per capita* –, 2000 – 2017 (milhares de euros)

Fonte: INE - Estimativas Anuais da População Residente

O Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* é um dos indicadores mais relevantes com o objetivo de quantificar a atividade económica de um determinado território, pois indica a riqueza criada, por pessoa, a preços constantes do mercado.

É possível constatar que a evolução nos Açores é francamente positiva, seguindo a tendência nacional, embora com um período de alguma estagnação entre os anos de 2008 e de 2012. Comparativamente, a diferença negativa que existia nos Açores em relação à média do país em 2000 subsiste no ano de 2017.

2 – População empregada por grandes sectores de atividade económica, 2018 (%)

Fonte: INE - Inquérito ao Emprego

É frequente proceder-se ao agrupamento das atividades económicas em três grandes sectores: o primário, que inclui a agricultura, a floresta, a caça, a pesca e a extração mineral (minas e pedreiras); o secundário, que abrange a indústria transformadora e a construção; e o terciário, que contém os serviços, tais como comércio, transportes, administração pública, educação ou saúde.

Se atendermos à distribuição da população empregada pelos grandes setores de atividade económica, constata-se que os Açores está no grupo de regiões com um maior peso do setor primário (10,7%) e, simultaneamente, com um menor peso do sector secundário (15,7%). Este último setor apresenta uma grande diferença em relação ao todo do país, na ordem dos 10 pontos percentuais. Por seu lado, o setor terciário é o mais representado, mantendo-se em 2018 ligeiramente acima da média nacional.

3 – Evolução da Taxa de crescimento da população residente, 2011 – 2017 (%)

Fonte: SREA - Estimativas da População Residente

Entende-se por população residente o conjunto de pessoas que viveram no seu local de residência habitual por um período contínuo de, pelo menos, 12 meses. A taxa de crescimento populacional permite saber quanto cresce a população residente, em média, num determinado período.

Verifica-se uma evolução negativa da população residente na Região Autónoma dos Açores, com um decréscimo na ordem dos 1,3 pontos percentuais ao longo dos sete anos estudados (2011-2017). Para este resultado muito contribuem os resultados para a Calheta de São Jorge (-11,8 pontos percentuais), seguindo-se os concelhos de Povoação em S. Miguel, com -4,7 pontos percentuais, e, também, o de Santa Cruz das Flores (-4,5 pontos percentuais). Em contrapartida, Vila do Corvo é aquele que, ao nível percentual, ganhou mais população, embora o reduzido número de casos implique que qualquer mudança em valor absoluto tenha um grande impacto percentual.

4 – Esperança média de vida à nascença, 2001, 2011 e 2016 (anos)

Fonte: INE - Estatísticas de Óbitos

A Esperança média de vida à nascença é o número médio de anos que uma pessoa à nascença pode esperar viver, mantendo-se as taxas de mortalidade por idades constatadas no momento da observação.

Ao analisarmos este dado, podemos verificar que as regiões autónomas da Madeira e, particularmente, dos Açores, são as que se destacam com as menores esperanças médias de vida à nascença, não tendo conseguido, ao longo do período em referência (2001 – 2016), aproximar-se das restantes regiões do país, embora apresentem uma trajetória positiva. Os números dos Açores em 2016 (77,5 anos) estão em linha com a média nacional em 2001 (77,2 anos). Em 2016 a esperança média de vida à nascença na Região é menor cerca quatro anos do que a média portuguesa (81,3 anos).

5 – Prevalência de obesidade (IMC>29.9), 2015-2016 (%)

Fonte: Inquérito Alimentar Nacional e de Atividade Física (AN-AF 2015-2016)

A obesidade é considerada uma acumulação excessiva ou anormal de gordura capaz de afetar a saúde, representando um problema de saúde pública. O IMC é um instrumento que permite avaliar esta condição, sendo que os valores superiores a 29.9 são considerados um fator de risco para doenças cardiovasculares, diabetes, desordens músculo esqueléticas e para alguns tipos de cancro, os quais lideram as principais causas de morte e incapacidade ao nível mundial (Serviço Nacional de Saúde, 2017).

Como é possível observar, referente ao ano de 2016, a Região Autónoma dos Açores é a que detém a mais elevada prevalência de obesidade do país (30,5%), seguida do Alentejo, sendo 3,7 pontos percentuais superior à média nacional.

6 – Evolução da Taxa de pré-escolarização dos 3 aos 5 anos de idade, rede pública e privada, por ano letivo – Açores, 2002/03 - 2017/18 (%)

Fonte: SREC - Estatísticas da Educação 2017/2018

A taxa de pré-escolarização é a percentagem de alunos matriculados no ensino pré-escolar, em idade normal de frequência desse ciclo, face à população dos mesmos níveis etários (3 a 5 anos).

É possível constatar que a taxa de frequência do pré-escolar aos 5 anos se mantém estável nos 100 pontos percentuais desde o ano letivo 2012/2013, após alguns anos de ligeiras oscilações. Em relação à faixa dos 4 anos, nota-se uma trajetória positiva muito significativa, com uma particular subida no ano letivo de 2017/2018. Para os 3 anos, embora a tendência seja também de forte subida ao longo dos anos analisados, os valores ainda estão relativamente distantes das outras duas idades, tendo alcançado os 74,2 pontos percentuais em 2017/2018.

7 – Evolução da Taxa de abandono de educação e formação no ensino regular, por ciclo – Açores, 2002/03 – 2016/17 (%)

Fonte: INE - Inquérito ao Emprego

A Taxa de abandono de educação e formação no ensino regular, por ciclo, é a percentagem de alunos, em relação ao total, que deixou de estudar sem completar cada um dos ciclos.

Na tendência da taxa de abandono de educação e formação no ensino regular ao longo dos últimos anos, assinala-se uma acentuada diminuição dos abandonos em todos os ciclos analisados. Todavia, enquanto os 1.º, 2.º e 3.º ciclos apresentam no ano letivo de 2016/17 um valor quase residual (até 0,2 pontos percentuais), os números do secundário ainda mantêm uma pequena expressão (2,8 pontos percentuais).

8 – Distribuição da população ativa por nível de escolaridade completo,

Fonte: INE - Inquérito ao Emprego

Os ativos são a mão-de-obra que está disponível para trabalhar, abrangendo a que está empregada e desempregada. Portanto, é o conjunto de indivíduos com idade mínima de 15 anos que, num período de referência, constituem a mão-de-obra disponível para a produção de bens e serviços que entram no circuito económico.

Em termos gerais, os Açores são a região do país cuja população ativa apresenta o nível mais baixo de escolaridade em 2018. Esta constatação é visível através da leitura individualizada da distribuição da população ativa açoriana por cada nível de ensino: a população açoriana não só apresenta o maior peso de pessoas em idade ativa sem ensino (2,7%) ou com o ensino básico completo (56,9%), como o peso da população com o secundário e pós-secundário e com o ensino superior completos está muito abaixo da média do país, com uma diferença de menos 4,5 e 9,2 pontos percentuais, respetivamente.

9 – Evolução da taxa de desemprego – Portugal e Açores, 2007 - 2018 (%)

Fonte: INE - Inquérito ao Emprego

A Taxa de desemprego permite definir o peso da população desempregada sobre o total da população ativa (empregados e desempregados). Na prática, a taxa de desemprego representa o número de desempregados por cada 100 ativos.

Na última década, a evolução da taxa de desemprego dos Açores tem sido coincidente com a tendência observada no conjunto país. No entanto, convém destacar que, em 2007, o desemprego nos Açores representava cerca de metade do observado em Portugal (4,3%), tendo atingido, e até superado, este último durante o período correspondente ao auge da crise (2012 – 2013). Nos anos mais recentes, constata-se uma descida generalizada do desemprego, embora a Região Autónoma dos Açores mantenha uma taxa de desemprego acima da observada ao nível nacional. Em 2018 foi de 8,6%.

10 – Evolução da taxa de atividade feminina – Portugal e Açores, 2009- 2018 (%)

Fonte: INE - Inquérito ao Emprego; Estimativas Anuais da População Residente

A taxa de atividade representa o número de ativos por cada 100 pessoas, com 15 e mais anos. No caso concreto do gráfico 10, o indicador diz respeito somente às mulheres, ou seja, o número de ativas por cada 100 mulheres, com 15 e mais anos.

Entre 2009 e 2018, a taxa de atividade feminina ao nível nacional tem sido relativamente consistente, tendo diminuído 1,2 pontos percentuais. Pelo contrário, nos Açores tem-se observado uma tendência de enorme convergência com os números do total do país (+4,3 pontos percentuais), podendo-se afirmar que atualmente o valor está muito próximo do total nacional, apesar do abrir da distância nos dois últimos anos observados.

11 – Análise comparativa de edifícios clássicos, por estado e conservação, 2011 (%)

Fonte: INE - Censos 2011

Os dados da habitação, nomeadamente os números relativos à construção de edifícios e ao seu estado de conservação, costumam constituir um indicador fundamental no âmbito do diagnóstico social.

Podemos afirmar que, em regra, o parque habitacional nos Açores está em bom estado de conservação em comparação com a média do país. Esta constatação está bem refletida nos valores relativos aos edifícios sem necessidade de reparações (mais 7,6 pontos percentuais do que o valor nacional) e nos dos edifícios a necessitar de reparações (menos 6,7 pontos percentuais do que a média). Quanto aos edifícios muito degradados, embora os dados sejam praticamente residuais, verifica-se que a Região Autónoma dos Açores apresenta um valor percentual menor.

12 – Análise de edifícios clássicos, por estado e conservação - Açores, 2001 e 2011

Fonte: Fonte: INE - Censos 2001 e 2011

Se tivermos unicamente em consideração a análise do estado de conservação dos edifícios nos Açores, comparando a realidade de 2001 com a de 2011, é possível também verificar uma variação bastante positiva: a percentagem de edifícios sem necessidade de reparação aumentou na ordem dos 13 pontos percentuais, enquanto a dos edifícios a necessitar de intervenção diminuiu em cerca de 11 pontos percentuais. O peso dos edifícios muito degradados também desceu (-1,6 pontos percentuais).

13 – Taxa de risco de pobreza, após transferências sociais, 2017 (%)

Fonte: INE - Inquérito às condições de vida e rendimento

A taxa do risco de pobreza é a proporção de pessoas com um rendimento que corresponde a 60% do rendimento nacional mediano por adulto equivalente.

Assim, recorrendo ao gráfico 13, constatamos que os Açores é a região do país com a maior taxa de pobreza em 2017 (31,6%), com larga distância em relação às restantes regiões, principalmente às do Continente. Comparativamente à média nacional (17,3%), a taxa açoriana representa quase o dobro da taxa de pobreza.

14 – Beneficiários do Rendimento Social de Inserção no total da população residente com 15 e mais anos, de 2011 e de 2018 (%)

Fonte: INE - Estimativas Anuais da População Residente

O Rendimento Social de Inserção (RSI), anteriormente designado por Rendimento Mínimo Garantido, é uma prestação mensal do regime não contributivo da Segurança Social.

A Região Autónoma dos Açores destaca-se largamente das restantes regiões do país em termos do número de beneficiários do RSI face à população residente com 15 ou mais anos. Em 2018 apresentava mais do triplo da percentagem nacional (11,1%). Entre 2001 e 2018 observa-se uma descida generalizada do número de beneficiários em todos os territórios em análise. Contudo, os Açores foram a Região onde se registou a menos acentuada, com -0,5 pontos percentuais.

15 – Beneficiários do Rendimento Social de Inserção no total da população residente com 15 e mais anos, por concelhos – Açores, 2011 e de 2018 (%)

Fonte: INE - Estimativas Anuais da População Residente

Se tivermos em conta a distribuição dos beneficiários do RSI pelos concelhos dos Açores (em percentagem da população residente), observa-se que, nos dois períodos analisados no gráfico 15, as percentagens mais altas estão concentradas na ilha de S. Miguel, designadamente nos concelhos de Ribeira Grande, Povoação e Lagoa, por esta ordem. Aliás, esta é a única ilha que apresenta concelhos com valores superiores à média da Região.

Ao compararmos os anos de 2011 e 2018, podemos verificar uma descida do número de beneficiários em relação à população residente com mais de 15 anos na generalidade das ilhas. As exceções estão precisamente nos concelhos de Ribeira Grande, Nordeste e Ponta Delgada, com subidas na ordem dos 2,5, 2 e 0,5 pontos percentuais, respetivamente.

16 – Beneficiários do Rendimento Social de Inserção no total da população residente, por grupo etário – Açores, dezembro de 2017 (%)

Fonte: Instituto da Segurança Social dos Açores (ISSA)

Distribuindo os beneficiários do Rendimento Social de Inserção nos Açores em 2017, agora por grupos de idade e em relação ao total da população residente, verificamos que dois quintos (40%) estão concentrados na faixa de indivíduos em idade escolar (até aos 18 anos), seguindo-se o escalão etário 40 – 64 anos, com 26%.

Nota: Por razões de extensão deste documento, omitiu-se os gráficos de cada uma das 16 questões. Os interessados poderão consultá-lo na página digital da Diocese de Angra.

Para reflexão:

1. Segundo o Evangelho e a Doutrina Social da Igreja, qual destes «sinais» se distingue nos Açores de forma mais positiva? A que se deve?
2. Segundo as mesmas fontes e critérios, qual destes «sinais» se distingue nos Açores de forma mais negativa? Por que causa?
3. Como Igreja, em que podemos colaborar (e como), no cuidado da «casa comum» e na resposta aos problemas sociais e económicos detetados na nossa Região?

BREVE ANÁLISE À REALIDADE DA IGREJA DOS AÇORES HOJE

- A nossa Igreja está presente na sociedade açoriana há 485 anos e vai a caminho do meio milénio.

- Olhando a realidade social e cultural do povo dos Açores há que “ver” a realidade eclesial hoje e rumo ao futuro.

Para ajudar aqui esta análise a partir das bases (Paróquias, Zonas Pastorais, Ouvidorias/Ilhas, Movimentos e Serviços Pastorais) lançamos alguns pontos ou pistas.

I

Análise à Igreja presente no mundo dos Açores

A nossa Igreja está presente no nosso mundo ao serviço do Reino de Deus. Ela é Mundo e é Reino.

O presente e o futuro da nossa Igreja nos Açores estão na presença da mesma nas realidades de vida do povo.

Esta visibilidade dá-se através da presença dos cristãos nas famílias, nas fábricas, nas empresas e ambientes científicos; na diversidade participativa social: associações, sindicatos, cooperativas, associações políticas, voluntariado, clubes, etc.

A Igreja também está presente através da organização e ação da Pastoral Social nas suas associações e Instituições: Cáritas, Centros Sociais e Paroquiais, Pastoral da Saúde, Comissão Justiça e Paz, Reclusos, Conferências Vicentinas, Misericórdias, etc.

Não obstante todas estas formas de presença no mundo dos Açores, e dada a complexidade dos problemas sociais e culturais e de um certo cansaço atual há por vezes uma fuga aos problemas reais, a tomadas de posição e a uma ação individual e comunitária de compromisso transformador. Mesmo assim, há que perguntar e que

Discernir:

1º Quais os principais apelos e clamores que lançam à Igreja os homens e mulheres das nossas Ilhas e quais os desafios principais que vêm da realidade social e cultural dos Açores hoje?

2º Porque é que face ao nosso mundo a Igreja, por vezes, se apresenta cansada, envelhecida, desacreditada, triste e sem sonho?

II

À realidade da Igreja e no seu modelo de ação evangelizadora no nosso meio

Estamos a quase sessenta anos do Concílio e a iniciar uma caminhada sinodal.

O modelo conciliar da edificação da Igreja é o da Comunhão e da Participação e o caminho é o da Sinodalidade: “A beleza de caminharmos juntos com Cristo”.

As nossas comunidades e o todo da nossa Igreja ainda apresentam um rosto muito clericalizado e de pouca participação na sua ação evangelizadora no mundo. Estamos longe de uma Igreja desclericalizada, inculturada nas realidades de vida do nosso meio, “de rosto açoriano”, numa palavra, uma comunidade horizontal, inclusiva, circular, de iguais.

Não obstante a nossa pregação, aprofundamento bíblico e o itinerário catequético, permanecemos numa Igreja de “quase catecúmenos” e a nossa prática sacramental sobretudo a da Eucaristia dominical é baixa, a militância cristã e apostólica embora envolva muita gente é realizada no geral por gente de idade avançada.

Num estudo recente da UCP (2013), relativo aos Açores, à questão se «costuma rezar ou dirigir-se a Deus ou qualquer entidade sobrenatural através da oração ou meditação pessoal» 45,9% respondeu todos os dias, 25,6 % algumas vezes por semana; poucas vezes 19,8% e nunca 8,3%. À questão «com que frequência costuma participar ou assistir a atos de culto religioso na igreja ou templo?», 9,1% respondeu mais de uma vez por semana; 33,5% uma vez por semana; uma/duas vezes por mês 14,9%; várias vezes por ano 17,5%; uma/duas vezes por ano 10,6% e nunca ou quase nunca 13,3%.

No rubrica «católicos portugueses segundo a prática» nos Açores, 3,9% diz-se católico nominal; 21,7% católico praticante ocasional; 18% católico praticante irregular; 11,4% católico praticante regular; 27,6% católico observante e 17,4% católico militante. Em termos gerais, o perfil do católico açoriano aproxima-se dos seus homólogos das regiões norte e centro de Portugal continental.

Então podemos refletir em ordem a

Discernir:

1º Que podemos e devemos “descomplicar” (por exemplo, no aspeto orgânico, administrativo e burocrático) em ordem a uma vivência e ousadia do Evangelho nas nossas comunidades e diocese?

2º Com o conhecimento que temos da cultura açoriana (para além da religiosidade popular) que aberturas encontramos para o anúncio do Evangelho?

3º Vamos continuar com a visão autossuficiente das paróquias e com um modelo de Igreja que não se coloca em movimento missionário? Que dizemos dos nossos movimentos diocesanos?

III

Análise à realidade da nossa Igreja no sujeito (s) pastoral da sua edificação

Todo o povo de Deus é o sujeito principal da edificação da Igreja no mundo e na vida interna das suas comunidades. Para além de toda a comunidade ser o Agente Principal de uma pastoral de Convergência, temos os Agentes Pastorais que são os Padres, Religiosos/as e Leigos. Muitos exercem o ministério e importa também dentro de uma Igreja toda ministerial promover e desenvolver o Diaconado Permanente.

Para além da militância ou militâncias de todos os Agentes de Pastoral há uma falta quantitativa e qualitativa de Agentes da Pastoral que com formação sólida tenham uma presença interventiva na evangelização dos sectores socioprofissionais e dos vários campos da cultura, da arte, da política e da economia. Numa palavra, falta uma verdadeira formação para a missão.

Numa época como a nossa, onde mesmo no nosso meio é necessário favorecer um diálogo fecundo com o mundo científico e técnico contemporâneo; entrar com sabedoria no novo espaço operado pela evolução informática; e ser capaz de intervir na cultura da comunicação de massas; necessitamos de uma formação integral para os Agentes de Pastoral que ajude a construir uma identidade cristã nesta sociedade pluralista.

Assim, é importante

Discernir:

1º Que tipo de formação é necessária para fortalecer a ação evangelizadora da nossa Igreja e responder aos desafios da atualidade?

Ao que já temos, o que acrescentar?

2º A formação inicial e permanente tem de fortalecer os Agentes de Pastoral numa liderança atual e comunicacional.

Que aspetos privilegiar?

Oração pela caminhada sinodal na Diocese de Angra

Senhor, Pai Santo,
Que colocaste no mundo, como fermento,
A força do Evangelho;
Concede à tua Igreja de Angra, nos Açores
Convocada em teu nome
Para a caminhada sinodal,
A graça de progredir no amor e na unidade,
De se renovar na diversidade das suas comunidades,
Movimentos e instituições;
De modo que seja sempre instrumento
Da presença de Jesus Cristo no mundo.
Que pela ação do Santo Espírito
Perdure até ao fim na nossa comunidade diocesana
A integridade da fé,
A santidade de vida,
E a caridade fraterna.
Que nos guie neste caminho
O Beato João Batista Machado, nosso padroeiro
E nos acompanhe sempre o amor maternal da Virgem Maria,
Mãe e Rainha dos Açores.
Nós Te pedimos por Santo Cristo, Senhor Nosso.
Ámen.